

Caridade *Versus* Filantropia - Sentimento e Ideologia A
Propósito dos Terramotos da Andaluzia (1885)

Maria da Conceição Meireles Pereira

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 829-841

Caridade Versus Filantropia - Sentimento e Ideologia A Propósito dos Terramotos da P[^]nàsXxxásí (1885)

Maria da Conceição Meireles Pereira"

1. Uma Palavra Nova para um Sentimento Novo

No meio dos muitos sintomas de enfraquecimento e desordem moral que a sociedade contemporânea apresenta, e que, no pensar de muitos, parecem indicar uma degeneração dos elementos mais íntimos da civilização, há um facto consolador e que contrasta singularmente com aquelas tendências mórbidas: é o desenvolvimento extraordinário que a caridade tem tomado por toda a parte, se não como sentimento individual, o que é quase impossível verificar, pelo menos como feito social e colectivo, como caridade, digamos assim, cívica e secular. Esta espécie, pode dizer-se nova, de caridade e característica do nosso tempo, se não vem aureolada, como a outra, a das sociedades profundamente piedosas, por aquela poesia com que só a comoção íntima e o sentir religioso têm o condão de revestir quanto eles inspiram e quanto deles sai, tem ao menos por si o vulto e grandeza material, se assim se pode dizer, dos resultados que consegue. Subscrições abertas para acudir a alguma grande calamidade que assola regiões inteiras e faz vítimas aos milhares - inundações, terramotos, crises industriais - juntam em poucas semanas somas tão consideráveis, que só por centenas de contos se podem calcular. (...) Dir-se-á (e tem-se dito) que esta caridade secular é uma falsa caridade: que, se abstrairmos dos resultados e considerarmos só o sentimento, acharemos nele muita impureza, que o deturpa: que, finalmente, o bem que se faz ou à custa do orçamento do Estado, ou por meio de subscrições espectaculosas, de concertos, bazares e bailes, onde impera mais que tudo a vaidade, pode ser cousa útil, cousa recomendada até pela boa política, mas não merece o nome de Caridade. Há certa verdade nisto, e reconhecemos que não é esta rigorosamente a Caridade do Evangelho. É filantropia; - e o facto de ter surgido nas línguas modernas esta palavra nova só por si bastaria a mostrar (...) que o sentimento que produz este grande fenómeno social é distinto da Caridade propriamente dita. O sentir geral teve disto uma noção obscura, e adoptou a palavra nova para exprimir uma cousa, que, apesar de não poder definir claramente, percebia ser nova também. Mas o que é então esse sentimento novo? O que é e o que vale essa apregoada filantropia?¹

Pela problematização que encerram, estes parágrafos iniciais do texto *Socialismo e Filantropia* de Antero de Quental, introduzem claramente a temática que o presente estudo pretende analisar. Ao longo de Oitocentos, e como herança da transformação do quadro de pensamento e mentalidades operada pelas Luzes, o sentimento ancestral da caridade assume novas formas que se afastam da

* Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DH.

¹SERRÃO, Joel - *Antero de Quental Prosas Sócio-Políticas*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982, p. 437-438. Este texto foi dado à estampa, sem título, com a assinatura *Antero de Quental*, em *Beja-Crèche*, número único publicado pela "Comissão da Creche e dedicado às senhoras que a têm coadjuvado", em Abril de 1885 (cf. p. 480).

piedade tradicional e da comoção religiosa profunda. Esta nova caridade assume-se "cívica e secular", nas palavras de Antero, isto é, reivindica preceitos distintos dos evangélicos, assenta em novos valores e deveres - a Humanidade e a Fraternidade - cujo cumprimento induz à prática da Solidariedade e da Filantropia; Como explica Geremeck, o humanitarismo e o movimento filantrópico apoiam a beneficência em princípios laicos, operando uma certa laicização do mandamento do amor ao próximo, assistindo-se a uma espécie de interpenetração e adaptação recíproca dos dois modelos, o antigo e o novo².

Surge, assim, um conjunto de novos léxicos que pressupõe a emergência de sentimentos também diferentes, reflexo de uma atitude que privilegia a imanência e reduz, em diferentes graus, a importância da transcendência. Este sentimento manifesta-se, preferencialmente, na dimensão colectiva: o grupo reúne-se em torno de uma causa, mobiliza-se para a acção e programa actividades - quase sempre socialmente agradáveis - com vista à recolha de fundos. Aos olhos de Antero a Filantropia parecia mundana, próxima da impureza e das vaidades terrenas; valia a esta "falsa caridade" as receitas volumosas que lograva reunir.

Face a situações de catástrofe, nomeadamente natural, a sociedade oitocentista europeia adquiriu o hábito de criar bolsas de auxílio financeiro às vítimas, fossem elas nacionais ou estrangeiras. Esta nova forma de assistência consistiu, quase invariavelmente, na realização de iniciativas suficientemente atractivas para gerar receitas. Quental refere alguns dos eventos mais frequentes: subscrições, concertos, bailes, bazares e quermesses, mas também representações teatrais, saraus, festivais e publicações especiais. Com afinidades sociais, profissionais, etárias, entre outras, os grupos formavam-se, com ou sem comissão promotora, e o roteiro das actividades, dos convidados, das atracções ia-se traçando. A publicidade na imprensa fazia o resto e as populações acorriam.

2. Os Terramotos da Andaluzia (Dezembro de 1884 e Janeiro de 1885)

Quando em Abril de 1885 Antero escreveu o texto atrás referido, tinha com certeza em mente um acontecimento que a imprensa não deixava esquecer e andava há meses na boca do povo: os terramotos da Andaluzia.

No dia de Natal de 1884, poucos minutos depois das 21 horas, um terramoto de magnitude (estimada) de 6,8 na escala de Richter ou intensidade X na de Mercalli, com epicentro em Arenas dei Rey, sacudiu violentamente, calcula-se que durante 20 segundos, vastas regiões do território andaluz, afectando uma grande parte das províncias de Granada e Málaga. Terá produzido 800 vítimas mortais e cerca de 1500 feridos, destruiu 4400 casas e provocou danos em 13000.

Mas a terra não parou de tremer e os cataclismos sucederam-se. Em 29 de Dezembro, novamente com epicentro em Arenas dei Rey, ocorreu outro sismo, desta feita com intensidade VII-VIII. Dois dias depois, em vésperas de Ano Novo, o epicentro do abalo ocorreu em Torrox, tendo esse tremor de terra atingido o índice VIII de intensidade. Em 27 de Janeiro de 1885, com epicentro em Alhama de Granada, um novo terramoto devastou a região, tendo atingido uma intensidade idêntica às dos anteriores³.

Após estas convulsões destruidoras, o frio instalou-se e a neve cobriu o território, dificultando as operações de salvamento e a recuperação das populações afectadas.

A imprensa portuguesa fez largo eco da maior calamidade natural que a Andaluzia jamais sofrera e, paralelamente, a partir de Janeiro, noticiava as inúmeras acções que em Portugal se empreendiam para angariar fundos de auxílio aos sinistrados, as diversas comissões que centralizavam os donativos, enfim a mobilização geral que a tragédia da Andaluzia provocara em Portugal. Deve, contudo, realçar-se que esta reacção não ocorreu exclusivamente no nosso país, tendo-se distinguido outros, como a Alemanha, a França e a Inglaterra no auxílio às populações sinistradas da Andaluzia⁴.

² GEREMECK, Bronislaw - *La potence ou la pitié. L'Europe et les pauvres du Moyen Âge à nos jours*. S.I., Editions Gallimard, 1987, p. 305.

³ Instituto Andaluz de Geofísica, disponível em <http://www.ugr.es/~iag/1884/1884.html>. Agradeço estas informações à Professora Ana Monteiro.

⁴ Veja-se, a este propósito, um telegrama de Madrid, publicado em *O Século*, Lisboa, n.º 1251,5 de Fevereiro de 1885, p. 2.

3. Os "Números-Únicos"

Um dos expedientes mais frequentes na segunda metade de Oitocentos para reunir fundos de beneficência era a publicação de opúsculos, designados "números-únicos", cujas receitas de venda revertiam para a causa eleita; por vezes, publicitavam espectáculos e outras acções com o mesmo fim, contribuindo para aumentar o montante do óbolo.

Os terramotos da Andaluzia suscitaram, nos primeiros meses de 1885, a publicação de uma vintena desses números-únicos nas mais diversas partes do país - continente e arquipélagos - pese embora a maioria fosse dada à estampa na capital⁵.

Pela sua *natureza*, as publicações apresentam-se como fontes privilegiadas para a análise dos sentimentos e ideologias uma vez que constituem, simultaneamente, actos materiais da mobilização em torno de uma causa, e documentos que contêm testemunhos escritos voluntariamente prestados pelos participantes-redactores.

Nesta conformidade, seleccionaram-se três dessas publicações, produzidas por grupos profissionais distintos, assim como de diversa proveniência geográfica: *Entre Irmãos* (Évora), *Portugal-Hespanha* (Porto) e *Península* (Lisboa). Além de se pretender evidenciar o sentimento que move estas associações a auxiliar financeiramente as vítimas dos terramotos, torna-se inevitável analisar as referências ao país e, sobretudo, ao povo vizinho, haja em vista a vivência e o impacto da questão ibérica.

3.1. *Entre Irmãos* (Évora)

Este opúsculo foi publicado em Fevereiro de 1885 por uma associação teatral - a Sociedade de Amadores Dramáticos Eborenses - e, como explicava na capa, era "destinado a socorrer as victimas dos terramotos em Hespanha"⁶. Apesar dos seus 61 colaboradores e 18 páginas, é a publicação mais modesta das três aqui analisadas, sem qualquer gravura ou imagem e com uma singela folha de rosto. Os textos são maioritariamente em prosa (54), surgindo também alguns em verso (10), todos com dimensões variáveis e podendo ou não apresentar título. Muito frequentes (mais de duas dezenas) são os pequenos pensamentos exarados numa só frase, sempre assinados, à semelhança de todas as outras contribuições. Sobre a autoria dos textos, apesar de por vezes serem usadas apenas iniciais, constata-se que oito são assinados por senhoras. Refira-se ainda que quatro pequenos textos estão escritos em francês e um em inglês.

As complexas relações históricas entre os dois povos peninsulares e o seu tradicional desentendimento mútuo são muito pontualmente abordados e sempre com o objectivo de demonstrar que as catástrofes anulam as barreiras e desvanecem os ódios. O "bálsamo" que permite esta transformação é, segundo a leitura de *Entre Irmãos*, a Caridade. O artigo de abertura, da autoria de Augusto, Arcebispo de Perga, intitula-se *Charitas!* e faz a apologia da Caridade na sua asserção de virtude cristã. Esta é, aliás, a tónica dominante da publicação em que a palavra caridade (incluindo os adjectivos "caridoso" e "caritativo", e os sinónimos em francês e inglês, "charité" e "charity", respectivamente) ocorre cinquenta vezes, muitas delas graficamente destacada e utilizada como título. O conceito toma, quase sempre, a acepção da suprema virtude cristã, aliada à fé e à esperança, mas superior a elas; a sua prática é um dever, um serviço a Deus, que portanto beneficia mais quem a exerce do que quem a recebe.

Se esta é a linha predominante, ou seja, o auxílio aos desvalidos e sofredores é entendido como uma obrigação cristã, uma prática de gente temente a Deus, em certos textos o sentimento e a atitude caritativos associam-se a um ideário que se afirma moderno, afirmando-se como o cumprimento do "que hoje se reputa um dever de fraternidade humana"⁷.

Refira-se, todavia, que este menção ao conceito de fraternidade não se repete, e os de "humanidade" e "filantropia" estão presentes em pouco mais do que meia dúzia de textos.

⁵ PEREIRA, A. X. da Silva - *O Jornalismo Portuguez*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand - José Bastos, 1896, p. 186-190. Ver quadro em anexo.

⁶ *Entre Irmãos. Numero Único publicado pela Sociedade de Amadores Dramáticos Eborenses destinado a socorrer as victimas dos terremotos em Hespanha*. Évora, Minerva Eborensis, 1885, 18 p.

⁷ *Entre Irmãos...*, p. 2. Trata-se de um texto sem título da autoria de Augusto Enes.

O primeiro tende a assumir uma ressonância religiosa, ora explicitamente cristã, ora vagamente deísta, mas quase sempre aliado à ideia de caridade. Por exemplo, Inácio Ferreira defende que o socorro aos necessitados é obrigação de "nós todos que somos membros da grande família humana" mas sublinha que "a caridade é uma emanação divina", esse sentimento existe nos homens porque lhes foi concedido por Deus que a elegeu como a maior de todas as virtudes⁸. Já noutro texto, refere-se que a Humanidade é o gigantesco e universal monumento em construção desde há séculos, iluminado agora "pelo suave mas brilhante clarão do século XIX", cujo grande arquitecto foi Cristo, e acrescenta-se que "as suas pedras são a ESMOLA, polidas pelo cinzel da CARIDADE"⁹.

Por sua vez, o texto de Leopoldo Gouveia prescinde de falar em caridade e exorta ao auxílio aos irmãos da Andaluzia, elogiando os "generosos sentimentos humanitários" e exaltando como "grande idéa civilisadora - a junção de todos os povos n'uma só família"¹⁰.

Quanto ao conceito de "filantropia", podem encontrar-se neste número-único dois textos que confirmam a sua natureza secular e cívica, necessariamente diferente da caridade entendida como virtude cristã. Num desses textos, a autora parece inclinar-se pela superioridade da última, inequivocamente vista como uma demonstração de amor a Deus :

"A caridade e a philantropia formam na moral dois poios oppostos. A primeira tem os seus motivos no céo, e a segunda na terra. Praticae a caridade e servireis a Deus"¹¹.

Já o outro texto, de inspiração iluminística, realça a excelência da filantropia como predicado social e, por isso, indissociável da marcha inexorável da humanidade rumo à perfeição:

"Se a humanidade caminha ao seu aperfeiçoamento, se o amor da humanidade, a philantropia, essa virtude social, que não tem pátria, é que pode acudir á miséria (...) não serão por certo os eborenses que regatearão o seu óbolo a um povo irmão. Bem hajam pois os iniciadores desta philantropica festa"¹².

A abordagem expressamente positivista está presente nesta publicação através de um único texto que não faz qualquer menção directa às causas e objectivos da mesma, identificando a ciência com uma bússola "que nos salva no mar da adversidade". Com efeito, o autor exara aqui a sua profissão de fé na ciência, como se pode constatar pela afirmação inicial:

"A sciencia é o oráculo do género humano, o apostolo das cultas gentes, a alavanca e poderoso motor de todo o universo, é o colosso ante o qual se curvam, respeitosamente todos os potentados e soberbas monarchias"¹³.

3.2. *Portugal-Hespanha* (Porto)

A publicação portuense que a seguir se analisa - *Portugal-Hespanha* - mereceu a seguinte avaliação de Alberto Bessa:

"Foi um Número-único, interessantíssimo, publicado, no Porto, em 1885, por iniciativa dos Alunos da Academia Portuense de Belas-Artes e por eles profusamente ilustrado, para ser vendido a benefício das vítimas sobreviventes dos terremotos na Andaluzia. É publicação deveras estimável, e obteve uma excelente aceitação. Imprimiu-se na Tipografia Ocidental, e, a parte ilustrada, na Litografia Portuguesa (a vapor), de Sebastião Sanhudo."¹⁴

⁸ *Entre Irmãos...*, p. 11-12.

⁹ *Entre Irmãos...*, p. 5. Trata-se do texto "Socorrei os Desgraçados" de António José Alves.

¹⁰ *Entre Irmãos...*, p. 10.

¹¹ *Entre Irmãos...*, p. 18. Este pequeno texto está assinado por Teresa de Jesus Serra.

¹² *Entre Irmãos...*, p. 12. José Gomes é um autor destas afirmações.

¹³ *Entre Irmãos...*, p. 4. É autor deste texto A. J. Martins.

¹⁴ BESSA, Alberto - *Jornais da Minha Terra. Subsídios para uma Bibliografia do Jornalismo Portuense*, in "O Tripeiro", 4ª série, nº

De formato maior que a anterior, esta publicação prima pelo cuidado gráfico que campeia ao longo das suas dezasseis páginas, oferecendo logo na capa um gravura composta por duas figuras, uma prostrada em pose de aflição e outra que junto a ela parece acabada de chegar, voando, com forma feminina e alada, segurando na mão um facho onde se lê a palavra "charitas". Este conjunto é encimado pelo nome da publicação, em letras grandes e trabalhadas, ostentando cada uma das iniciais o brasão de armas do respectivo país¹⁵. O cabeçalho é da autoria de A. Granate e a alegoria de José Ribeiro. Os desenhos são todos originais, como indica a primeira página, que apresenta também as listas dos colaboradores artísticos (22) e literários (48). O grupo é de notáveis já que entre os primeiros encontramos nomes como Marques de Oliveira, J. J. e A. Teixeira Lopes, Francisco José de Resende, Tomás Costa, Rafael Bordalo Pinheiro, Sebastião Sanhudo, Molarinho, entre vários outros¹⁶. O conjunto dos colaboradores literários não era menos brilhante já que integrava um leque distinto de políticos, escritores, jornalistas, professores, eclesiásticos, etc: Conde de Samodães, Alexandre Braga, António Feijó, Simões Dias, Alves Mateus, Trindade Coelho, Pereira Caldas, Emídio de Oliveira, Guerra Junqueiro, Sampaio Bruno, João Chagas, António Nobre, Queirós Veloso, Visconde de Benalcanfor, Sena Freitas.

A primeira página contém ainda o "Expediente" onde o grupo promotor da publicação - João Augusto Ribeiro, João José Nogueira, Rodrigo Soares, José de Almeida e Silva e Francisco Manuel de Oliveira Carvalho - agradece as colaborações, destacando os "relevantes serviços" de Sebastião Sanhudo o que se prende certamente com a informação veiculada por Alberto Bessa relativa à utilização da litografia daquele conhecido desenhador onde se fez a impressão das ilustrações. Bessa referiu ainda a "boa aceitação" deste número e, com efeito, esteve à venda em todas as livrarias do país; por outro lado, embora desconhecemos a tiragem, a crer nas suas palavras, terá angariado receitas volumosas já que o seu preço unitário era de 200 réis.

Além de 22 ilustrações (capa incluída), esta publicação contém ainda 47 textos, 31 em prosa e 16 poesias. A sua natureza é bastante diversificada já que a par de trechos inócuos que vão do lirismo sentimental à fábula ou alegoria, de descrições da bela Andaluzia às lições sobre Arte ou Literatura, surgem outros que pretendem reflectir sobre a catástrofe andaluz e o auxílio que devia ser prestado à luz da ciência e pensamento modernos.

O conceito de caridade é referido em quase um terço dos textos, isto é, em quinze, sendo que quatro são da autoria de eclesiásticos. Se em alguns casos essa virtude é vista como uma "irradiação de Deus"¹⁷, noutros ela aparece como o sentimento de amor para com o próximo, a manifestação de uma amizade fraterna.

O texto de Alves Mendes apresenta a mais optimista das teorias do progresso, partindo da síntese entre ciência e religião. Assim, exalta a "maravilhosa, christianissima cultura moderna" que através da ciência e da técnica atenua as distâncias geográficas e morais entre os homens, servindo simultaneamente as aspirações da humanidade e os desígnios da Providência. No mundo do telégrafo, dos rails, da electricidade e do vapor, o autor entrevê o testemunho da "vera e visível unidade do género humano sob a invisível e vera unidade de Deus". Por isso acredita que as conquistas da civilização crescem a par com as da crença: "Augmenta a liberdade e augmenta a fraternidade. Multiplica-se a sciencia e multiplica-se a beneficência. Triunfa a solidariedade no progresso e triunfa a solidariedade na desgraça". Em suma, o homem sai divinizado "pela mais explosiva e santa das paixões - a paixão da Caridade"¹⁸.

Este ecletismo optimista e quase enciclopédico que mescla a noção de caridade cristã com ciência, fraternidade, liberdade, beneficência e solidariedade humanas só adquire algum paralelismo

10 (80), Agosto de 1931, p. 156.

¹⁵ *Portugal-Hespanha, Numero Único a Beneficio das Victimias dos Terramotos de Granada*, Porto, Typ. Occidental, Março de 1885, XVI Páginas.

¹⁶ Sobre a importância destes artistas no meio cultural portuense e nacional veja-se FRANÇA, José-Augusto - *A Arte em Portugal no século XIX*, 2 volumes, 2ª edição, Lisboa, livraria Bertrand, 1981. Quanto aos desenhos que elaboraram para o *Portugal-Hespanha* são de vária ordem, estudos e esboços, figuras humanas e animais, cenas de paisagem e costumes. Apenas a contribuição de Rafael Bordalo Pinheiro tem afinidades com o tema da publicação e intitula-se "Reminiscências de Granada".

¹⁷ *Portugal-Hespanha...*, p. VI. Texto sem título de J. Alves Mateus.

¹⁸ *Portugal-Hespanha...*, p. III e VI.

no texto do Visconde de Benalcanfor. Para este, "a lei da caridade e do amor é a electricidade moral que domina o nosso tempo; como em breve o avassalará no mundo material e nas applicaçoens da industria, a electricidade physica". E, mais adiante, diz acreditar que, no seu século, "palpitam de vida o amor, a compaixão, a confraternidade humana".

Nos demais textos o conceito caridade ora assoma ao correr dum verso, ora quase integrado num discurso repetitivo, sempre sem preocupação de aprofundar o seu significado. Guerra Junqueiro, por exemplo, optou por uma frase curta: "A miséria é o lapso; a caridade a errata"¹⁹.

Analise os trechos que prescindem do conceito, substituindo-o por outros em que ressalta a mensagem cívica e ideológica. Após abordar a terrível catástrofe que se abaterá no país vizinho, Alexandre Braga congratula-se com a ajuda proveniente de todas as nações, facto que o faz conceber "a esperança de que na realidade virá um dia, no volver dos séculos em que a humanidade inteira constituirá tão somente uma grande família"²⁰.

J. de Oliveira Ramos compara o terramoto de Lisboa do século anterior com os da Andaluzia e constata a diferença: o primeiro não suscitou a oferta de quaisquer donativos, enquanto o segundo gerou sentimentos altruístas. Este facto leva-o a acreditar no progressivo aperfeiçoamento moral dos homens:

"Licção consoladora: progride-se. Aos descritos que o negam, aos pragueiros que vos aturdem conclamando que tudo são ouropéis e que o mundo moral vai perdido, apontai este nobilíssimo exemplo. Isto caminha!"²¹

Também Oliveira Mascarenhas quis realçar que a destruição que assolou a Andaluzia produziu um consolador desmoronamento, o da "barreira d'odios que há cerca de 7 séculos marcava as raiais de dous povos tão vizinhos e tão irmãos"²².

Alguns textos assumem o tom de reflexão filosófica, não se fixando no tema concreto mas nas suas representações e interpretações. O jornalista Emídio de Oliveira fala nas tempestades do espírito e reflecte sobre as opções éticas da vida humana:

"O que a resaca pôde deixar na praia é precisamente o que a vida humana pôde deixar na sociedade. Uma pérola ou um monstro"²³.

M. de Carvalho refere uma luz "grande, nobre e sublime" que/Vem da consciência humana" e pretende "illuminar todos os povos, socorre-los e amal-os em nome da confraternidade universal"²⁴.

Sampaio Bruno deixa uma mensagem de esperança, antevendo na prática da solidariedade a paulatina contrução de um porvir de entendimento entre os povos peninsulares:

"Na sua inconsciente espontaneidade, a solidariedade demonstrada pelos portuguezes para com os seus vizinhos, feridos d'uma vasta catastrophe, tem a alta significação histórica d'uma garantia do futuro, que na communhão moral do occidente europeu, terá por ventura no paulatinismo a sua mais racional esperança, como a preeminência messiânica d'um dos ramos mais caracteristicamente typicos da raça"²⁵.

Este conceito de solidariedade escolhido por Bruno, aliado ao de filantropia, constituem a pedra de toque dos textos de Santos Cardoso e Silva Lisboa. O primeiro começa por reivindicar uma

¹⁹ *Portugal-Hespanha...*, p. VII.

²⁰ *Portugal-Hespanha...*, p. VI.

²¹ *Portugal-Hespanha...*, p. VI.

²² *Portugal-Hespanha...*, p. XTV.

²³ *Portugal-Hespanha...*, p. VII. Este pequeno texto intitula-se "Confronto".

²⁴ *Portugal-Hespanha...*, p. XIV.

²⁵ *Portugal-Hespanha...*, p. X.

ligação entre os ensinamentos genuinamente cristãos e as máximas da filosofia moderna: a confraternização dos povos representa a "suprema apoteose christã"; através da arte a Igreja representa Cristo rodeado de crianças e indigentes o que reflecte a protecção da justiça social, o amor fraterno, a beneficência voluntária. Aliás, com a beneficência comum confraternizam todas as religiões e, assim, "não há crentes quando todos sabemos cumprir os nossos deveres civicos", trata-se de "um dever imposto pelas leis sagradas da philantropia"²⁶. Nestes moldes, o sentimento filantrópico elimina as triviais "*caridade ou beneficência*", assume-se mesmo superior e independente da religião:

"A sciencia da philosophia ensina a formula, á humanidade cumpre observai-a"²⁷.

O texto de Silva Lisboa pretende também passar urna mensagem centrada em dois aspectos principais. Inicia explicando que, "para honra da humanidade", as antigas fronteiras que isolavam os povos e tornavam o estrangeiro sinónimo de inimigo eram coisa do passado. A seu ver, esta transformação devia-se a um sentimento novo e civilizador:

"O sentimento da solidariedade humana, a mais larga e completa expressão do altruísmo, em que a philosophia hodierna bazeia a moral social, vae derrocando por um esforço lento mas continuo todas essas velhas divisões"²⁸.

Assim, acudir aqueles que se encontram em aflicção é a afirmação do "alto principio da solidariedade" que o autor caracteriza de recíproca e não onerosa; desta forma responde aos que manifestaram discordância face a esta atitude, alcunhando-a de "sentimentalidade internacional", ripostando que esta solidariedade não poderia ser internacional pois só considera "a personalidade humana"²⁹.

A ideia da humanidade como uma grande família, inspirada nas doutrinas pacifistas, está cabalmente representada no poema *Entre Irmãos* de Xavier de Carvalho que, numa toada proudhoniana, vaticina a fraternidade das nações pela execração da guerra e pela evocação da trilogia Justiça/Direito/liberdade³⁰.

Pelo exposto, constata-se que esta publicação portuense espelha alguma diversidade de opiniões face à questão central em análise, isto é, caridade *versus* filantropia, considerando que a conceitos diferentes correspondem motivações diferentes ou, mais complexo ainda, a distinção entre os conceitos e respectivos significados nem sempre é clara. Queirós Veloso não duvida da diversidade de interesses e opiniões de todos quantos participam em manifestações de caridade colectiva mas acredita que todos devem sentir-se confrades Vesta mesma clareira onde nos conduzem estradas tão oppostas!³¹

E já que se referem os diferentes caminhos, podem também registar-se as atitudes originais como a que João Chagas protagoniza nesta publicação. Eivado de ironia, o seu texto *A Andaluzia dAmanhã*, não ficou por escrever:

"Se as palavras se convertessem em pedras, que soberbas cidades se não construiriam

²⁶ *Portugal-Hespanha...*, p. XIV. Este texto de Santos Cardoso assume o título da própria publicação.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ *Portugal-Hespanha...*, p. XV. Texto datado de 14 de Fevereiro de 1885.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ *Portugal-Hespanha...*, p. XI. As afinidades temáticas deste poema, que a seguir se transcreve, com alguns publicados por Antero, vinte anos antes, nas *Odes Modernas*, são evidentes:

A humanidade é toda uma família immensa E
caminhando sempre em busca do futuro: A
Justiça é seu verbo e o Direito sua crença E a
liberdade o sol que rasga o espaço escuro.

Povos! uni-vos, pois, e gloriosamente Dae o exemplo
aos reis, que a humanidade aterra. Fraternisae
nações! e á voz omnipotente Da Ideia, fulminae as
fronteiras e a guerra. Filhos de Portugal! esta ideia
consola: Entre amigos e irmãos é abençoada a
esmola!³¹ *Portugal-Hespanha...*, p. XI.

sobre a Andaluza convulcionada!
 Uns dão blocos de mármore rendilhados como uma espumas.
 Outros dão calhaus.
 Ahi vai o meu"³².

3.3. *Península* (Lisboa)

Península foi o título que os tipógrafos de Lisboa elegeram para o número-único que editaram a favor dos povos andaluzes³³. Esta publicação está ilustrada com nove gravuras: uma de capa, cinco a adornar as letras maiúsculas de início de texto e quatro de página inteira, todas da autoria de João Pedrozo e representando monumentos nacionais. Inclui 54 textos em prosa (12 com título) e 10 em verso (7 com título) da autoria de 57 redactores. Entre estes, contam-se alguns nomes importantes ligados ao periodismo português, bem como aos movimentos republicano e socialista: Brito Aranha, Eduardo Coelho, P. J. Conceição, Silva Pereira, Teófilo Braga, Nobre França. Como esclarece o texto de abertura, a ideia de fazer esta publicação surgiu por ocasião do bazar-quermesse promovido pela associação dos jornalistas e escritores portugueses, uma classe que assumia pretender "distinguir-se entre as demais pela sua ilustração e pelas suas levantadas aspirações"³⁴. Este grupo profissional tem consciência de que a publicidade - através da imprensa - é fundamental para difundir as mensagens e estabelecer a comunicação entre os homens; daí que, em vários textos, o herói louvado seja Gutenberg cuja grande invenção possibilitava a divulgação e actualização dos acontecimentos numa escala alargada.

O conceito de caridade ocorre em cerca de metade dos textos e, em parte dos casos, o seu significado identifica-se com a virtude cristã tradicional. Nos restantes, ora se tenta precisar a sua natureza e orientar a sua prática, ora é associado a atitudes novas, ora ainda, mais raramente, a sua validade é contestada e, em consequência, proposta a sua substituição por novos valores.

A orientação mais frequente sobre a prática desta atitude defende uma caridade "anónima", desinteressada, feita de simplicidade austera, sem ostentação, ufania e especulação, enfim, "sem fausto e sem petulancias audaciosas"³⁵; por outro lado, a caridade é "cosmopolita" já que as vítimas, mesmo que não falem a nossa língua, são nossos irmãos³⁶.

Significativamente, o conceito de caridade é usado, quase indistintamente, ao lado de vocábulos mais modernos. No seu texto *Socorramos a Hespanha!*, Brito Aranha congratulava-se pelo facto dos portugueses terem estendido a mão à caridade pública e logo a seguir afirmava: "Aphilantropia prende os povos, como as famílias nos elos da gratidão"³⁷. Também Alfredo Cabral, no poema *Andaluza!*, referia-se à "mãe philantropia" e afirmava que "a caridade é mãe"³⁸.

Já Lúcio Fazenda recusa os vocábulos caridade e filantropia porque identifica a primeira com hipocrisia e a segunda com egoísmo; propõe, em sua substituição, os conceitos que elege para título do seu texto: *Reciprocidade ou Solidarietà*³⁹.

A semelhança da publicação portuguesa que atrás se estudou, a seguir ao vocábulo caridade, os que ocorrem com mais frequência são fraternidade, humanidade e filantropia. São cerca de dúzia e meia os textos que reflectem sobre os sentimentos traduzidos por aqueles conceitos, prescindindo do léxico mais banal "caridade". A queda das barreiras entre os povos e a sua confraternização gera a ideia de esbatimento das nações face ao surgimento da humanidade universal. Esta única e grande família, de inspiração pacifista, rege-se por laços de fraternidade ou "instinto do bem"; a

³² *Portugal-Hespanha...*, p XI.

³³ *Península. Número-Único colaborado por typographos em auxilio dos povos da Andaluza*. Lisboa, Imprensa Nacional, 12 páginas (não paginado).

³⁴ *Península...* [p. 1]. Nesta abertura são também apresentados os agradecimentos ao conselheiro Dr. Venâncio Augusto Deslandes, administrador da Imprensa Nacional que facultou as oficinas daquele estabelecimento tipográfico e ao ilustrador, professor da Escola de Belas Artes e sócio da Associação Tipográfica lisbonense e Artes Correlativas que ofereceu as gravuras.

³⁵ *Península...*[p. 2,4, ^, 10].

³⁶ *Península...*[p.2e5].

³⁷ *Península...*[p.2].

³⁸ *Península...* [p. 5].

³⁹ *Península...*[p.2].

fraternidade universal cumprir-se-á com o aumento da instrução, da tolerância e da concórdia e submete-se a um novo dever, o dever da humanidade⁴⁰. O conceito de filantropia é associado em alguns destes textos, com especial relevo para os de Eduardo Coelho e Afonso Vargas.

A Ciência, identificada com as conquistas do progresso e da civilização, constitui o tema fulcral das prestações de César da Silva e Silva Coutinho: para o primeiro, ela promove "o lema humanitário - igualdade e fraternidade" e pelos meios da publicidade atenua os efeitos dos grandes cataclismos; o segundo acredita que os progressos da ciência permitirão a possibilidade de previsão destes fenómenos e, conseqüentemente, a minoração dos seus efeitos através da precaução e prevenção.

Teófilo Braga parecia ter uma certeza, e é essa que quer transmitir a todos quantos desejassem participar no auxílio às vítimas. Renunciando a *slogans* ou palavras novas, o mestre português do positivismo escreve um pequeno poema onde ensina que o Homem contemporâneo deve conduzir o seu destino e, para tal, tem de se constituir como a sua própria Providência:

"Conta-se que o Terror, na velha idade
Suggeria dos Deuses a entidade,
Que os crédulos espanta! Hoje, os
Deuses ante o Terror se somem, E,
Providencia de si mesmo, o homem
Das ruínas se levanta."⁴¹

4. Em conclusão

Os sentimentos têm uma história ou, melhor, pode estudar-se a motivação dos comportamentos e a expressão exterior dos sentimentos. Cada época, com os seus discursos teóricos e programas ideológicos sugere modelos de comportamento cujas transformações, lentas e graduais, são passíveis de análise. A contestação dos valores fundamentais da civilização ocidental operada pelas Luzes e a conseqüente promoção da religião, moral e direito naturais, explicam a paulatina substituição da caridade tradicional pela filantropia justificada à luz da utilidade pública. A nova ordem demoliberal de Oitocentos enquadra estes princípios e o positivismo republicano, muito concretamente no caso português, encarregar-se-á de reforçar os seus contornos. Todavia, nem ideologias nem sentimentos operam ou sofrem rupturas. Como se verificou através da análise das três publicações seleccionadas, e lembrando as palavras de Geremeck⁴², os dois modelos coexistem, interpenetram-se na maioria dos casos, e a utilização cumulativa dos conceitos é frequente, buscando, quiçá, um reforço de sentimento. De entre inúmeros exemplos que se podiam apresentar, atente-se no título de uma publicação dada à estampa em 1844: *Algumas mulheres eborenses vivas na história da caridade, da philantropia e da piedade*⁴³.

Malgrado esta adaptação recíproca dos dois modelos, é possível assinalar opções ideológicas que privilegiam os conceitos novos - filantropia, humanidade, fraternidade - em detrimento da tradicional caridade, traduzindo uma inequívoca intenção de secularização dos sentimentos e atitudes. Por outro lado, as fontes estudadas constataam a emergência de um conceito que, entretanto, e também paulatinamente, foi substituindo os restantes: solidariedade. Nos diversos campos - ideológico, filosófico, sociológico - este ganhou terreno, colocando-se como objecto de reflexão quer a nível das práticas sociais, quer das atitudes individuais⁴⁴.

⁴⁰ Estas ideias são propaladas, por exemplo, no poema *Fraternidade* de F. Napoleão de Vitória e no texto de M.D. Gomes [p.2], nos textos de Eduardo Coelho, Reis e Vila e Carlos Charbel de Girardin (*O Nosso Dever*) [p.4], no texto de César da Silva [p. 5], nos de Júlio Pereira Sande da Silva Coutinho e de J. M. Cordeiro [p. 7], nos de Pereira de Sousa e Afonso Vargas (*A Fraternidade Humana*) [p. 8], nos textos de Nobre França, J. Freitas (*A Humanidade*), G. da Costa e F. Barreto [p. 10].⁴¹ *Península...*[p. 8].

⁴² Ver nota 2.

⁴³ Évora, Minerva Eborensis.

⁴⁴ A título de exemplo, podem citar-se as seguintes obras: DUVIGNAUD, Jean - *A solidariedade, Laços de sangue, laços de razão*. Lisboa, Instituto Piaget, 1995; RORTY, Richard - *Contingency, irony and solidarity*. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

Quadro Anexo

Título	SUBTÍTULO	LOCAL	MÊS
Portugal e a Hespanha	Publicação pela "Empreza Litteraria Luzo-Brazileira, a favor das victimas dos terramotos d'Andaluzia. Numero único	Lisboa	
OCid	Numero único destinado a socorrer as victimas dos terramotos na Hespanha	Lisboa	Janeiro
A Tragédia	Numero único publicado pela sociedade de artistas dramáticos do theatro de D. Maria II e destinado a socorrer as victimas dos terramotos em Hespanha	Lisboa	Janeiro
Alhambra	Numero único publicado em beneficio das victimas dos terremotos de Andaluzia	Porto	Fevereiro
Andaluzia	Jornal Miniatura. Numero único	Lisboa	Fevereiro
Portalegre e Andaluzia	Numero único. Publicação em beneficio das victimas dos tremores de terra em Hespanha, pelo proprietário do "Districto de Portalegre"	Portalegre	Fevereiro
Senefelder	Numero único collaborado pelos litographos da Imprensa Nacional e offerecido á comissão executiva da imprensa em auxflio dos povos da Andaluzia	Lisboa	Fevereiro
Porto-Andaluzia	A imprensa portugueza aos pobres d'Andaluzia.	Porto	Fevereiro
Fraternidade	Numero único em beneficio dos pobres d'Andaluzia	Viana do Castelo	Fevereiro
Guimarães-Andaluzia	Numero único publicado em beneficio das victimas dos terramotos em Hespanha pela commissão de socorros vimaranenses	Guimarães	Fevereiro
A Caridade	Numero único publicado pela sociedade "Recreio Dramático" a beneficio dos infelizes da Andaluzia	Beja	Fevereiro

TÍTULO	SUBTÍTULO	LOCAL	MÊS
Portugal a Hespanha	Numero único offerecido á commissão do bazar-kermesse em favor das victimas dos terramotos na Andaluzia	Lisboa	Fevereiro
Entre Irmãos	Numero único publicado pela "Sociedade de Amadores Dramáticos Eborenses" e destinado a socorrer as victimas dos terramotos em Hespanha	Évora	Fevereiro*
Andaluzia	Jornal publicado a favor das victimas dos terramotos de Andaluzia pelos estudantes de Lisboa	Lisboa	Março
lisboa-Andaluzia	Numero único publicado por um grupo de artistas a favor das victimas dos terramotos d'Andaluzia	Lisboa	Março
A Península	Numero único collaborado por typographos em auxilio das victimas dos terramotos d'Andaluzia	Lisboa	Março
Philantropia	Numero único publicado a favor das victimas dos terramotos de Andaluzia	Oliveira de Azeméis (Impresso em Aveiro)	Março
Portugal-Hespanha	Numero único a beneficio das victimas dos terramotos de Granada. Publicação promovida por um grupo de alumnos da Academia das Bellas Artes no Porto	Porto	Março
O Andaluz	Numero único pelos estudantes do coUegio de S. Carlos do Porto, em beneficio das victimas dos terramotos de Hespanha	Porto	Março
Alhambra	Os prelos michaelenses á Andaluzia	Ponta Delgada	Março

Fonte: A. X. da Silva Pereira - *O Jornalismo Portuguez*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1896.

* Silva Pereira atribui-lhe a data de Maio.